

LIVROS

*Norberto Bobbio: trajetória e obra**

Celso Lafer

Celso Lafer é, na sua própria expressão, um “militante da difusão do pensamento de Bobbio”. Não há melhor prova disto do que os 16 textos sobre a obra do pensador italiano que, muito oportunamente, Celso reuniu agora em um volume, *Norberto Bobbio: trajetória e obra*.¹

Por Gelson Fonseca Jr**

A coletânea vale como uma perfeita introdução às reflexões de Bobbio, já que é ao mesmo tempo abrangente e analiticamente rica e reveladora. Está organizada em torno dos grandes temas que motivaram Bobbio: as relações internacionais e a questão da guerra e da paz; os direitos humanos como marca das etapas da construção do Estado democrático de direito; a teoria jurídica e o valor da norma para a promoção de condutas; e a teoria política, centrada na preocupação com a realização plena do ideal democrático e a questão da igualdade.

A mera referência aos temas revela a afinidade entre os dois pensadores, como, aliás, Celso reconhece: “Os campos do conhecimento a que Bobbio se dedicou e os seus temas recorrentes são aqueles aos quais consagrei a minha vida de estudioso”. O livro traz ainda um cuidadoso perfil da trajetória intelectual de Bobbio, baseado em seus escritos autobiográficos, aliás textos notáveis e que lidam com o seu papel na resistência ao fascismo, com a posição do intelectual diante do poder e, em páginas belíssimas e comovedoras, com o caminho do envelhecimento, quando a lentidão se impõe aos movimentos. O drama da finitude, Celso lembra, é registrado com a metáfora da escada: “o velho percebe que vai descendo a escada da vida de degrau em degrau e, por pequeno que seja, ele sabe que não há volta como também o número de degraus é cada vez menor”. (p. 47).

* Editora Perspectiva, São Paulo, 2012, 256 pp.

Também enriquecem o livro as notas pessoais dos encontros que tiveram, as marcas da admiração genuína de Celso por Bobbio e algumas cartas, que valem como sinais de amizade e, em alguns casos, acrescentam nuances a argumentos (p. 91).

Se Bobbio e Celso coincidem ao escolher os temas de reflexão, coincidem, de modo ainda mais profundo, na aproximação da maneira de pensar e nos valores que defendem. Os dois escolhem, para fundar o seu pensamento, as tradições da filosofia política ocidental, combinada sempre com a mais aguda sensibilidade histórica. Podem diferir marginalmente e, assim, Celso será mais grociano do que kantiano. Mas, essencialmente, têm uma relação fraternal quando se trata de conceitos.

Ambos acreditam no valor da razão, na capacidade humana de se superar e de construir, ainda que com dificuldades, um melhor futuro. Daí a predileção de ambos pela metáfora do labirinto que, de alguma forma, organiza a reflexão com a perspectiva de buscar saídas para os dilemas da política, admitindo afinal a possibilidade que tem o ser humano de moldar (e melhorar) a realidade.

Transformar a realidade exige desvendá-la, o que não será nunca processo óbvio ou fácil. As coisas do mundo são complexas e a aceitação da complexidade como ponto de partida para olhar o mundo aproxima os dois. Não por acaso, Celso lembra uma frase de Bobbio quando mostra que a integridade intelectual requer “a inquietação na pesquisa, o aguilhão da dúvida, o espírito crítico, a medida de julgar, o escrúpulo filológico, o sentido da complexidade das coisas”. Ora, é exatamente o “senso da complexidade” que, para Antonio Candido, permearia as análises de Celso, já desde as suas primeiras obras.

O reconhecimento da complexidade não é convite ou permissão para que o pensamento seja obscuro, a reproduza ao invés de desvendá-la. Celso chama atenção para um outro aspecto dos textos de Bobbio, que é “a inexecedível clareza no trato de assuntos complexos” (p. 25). Não é por acaso que Celso escolhe, como epígrafe, uma frase de San Tiago Dantas, outro extraordinário “esclarecedor”, que diz: “(...) a tarefa da inteligência humana é tirar o valor das coisas da obscuridade para a luz”.

Talvez seja a clareza uma das razões que tornam a leitura dos textos de Bobbio fonte do melhor prazer intelectual. A capacidade única que tem de elucidar conceitos, organizá-los e, no processo, extrair linhas de conduta, pode ser apreciada em praticamente todos os seus escritos.

Para exemplificar, sublinharia o argumento que faz em torno das modalidades de pacifismo, que Celso discute nos capítulos sobre relações internacionais. Mostra a relação entre os modelos voltados para explicar as causas da guerra – regimes despóticos, protecionismo e desigualdade social – e modelos de pacifismo, baseados nos “remédios” para aqueles males, a democracia, o livre comércio ou o socialismo.

Os processos de transformação requeridos para superar o mal da guerra ganham outra urgência e dimensão quando se está diante dos riscos de sobrevivência da humanidade. A consciência do problema atômico exige

um “pacifismo ativo”, que mobilize, faça avançar a causa da paz. Daí, a segunda tipologia do pacifismo, justamente a que mostra os caminhos para realizar os seus ideais. Aí Bobbio distingue o pacifismo instrumental, voltado para eliminar ou reduzir armamentos; o institucional, encarnado pelas Nações Unidas; e, finalmente, o pacifismo finalista, que desenha uma pedagogia da cultura da paz, que “tem na afirmação e respeito pelos direitos humanos no plano internacional uma grande platatorma” (p. 109).

As classificações são sempre esclarecedoras, porque, no caso do pacifismo, articulam uma verdadeira teoria das possibilidades da construção da paz, sem ingenuidade utópica, porque Bobbio reconhece que a realização dos objetivos do pacifismo ativo são problemáticos em diversos níveis. Entre estes, as limitações da ONU, em parte derivadas das travas que o veto impõe ao Conselho de Segurança. A respeito, o comentário de Celso é esclarecedor: “ (...) o olhar hobbesiano de Bobbio tem perfeita clareza disso, mas o seu coração kantiano não deixa de identificar na ONU um histórico sinal premonitório, que permite conjecturar sobre a possibilidade de um mundo não continuar sendo, como sempre foi, vitimado pela violência da guerra” (p. 115). Para resumir, com uma frase lapidar, reveladora do “realista insatisfeito” que Bobbio é, “A potência é cega. A razão vê mas é impotente” (p. 116).

Outro dado importante no pensamento de Bobbio é – Celso mostra com pertinência – o sentido íntegro. Suas parcelas se alimentam mutuamente. Lendo o que escreveu sobre democracia e direitos humanos, entendemos melhor o que é o pacifismo ativo. Se a combinamos com a reflexão que faz sobre o intelectual e o poder, entendemos melhor as opções políticas e a sua defesa do socialismo liberal e o sentido de suas intervenções no debate público italiano. É outro ponto para o qual Celso chama atenção e, aliás, aproxima a obra dos dois: comentando *A era dos direitos*, é “o livro da convergência dos temas recorrentes de Bobbio nos diversos campos de estudo a que se dedicou (...) um livro explicitador da coerência que permeia a sua trajetória enquanto pensador” (p. 133). A interminável, nobre e difícil tarefa para realizar plenamente os direitos humanos é outro traço que une os dois pensadores.

A obra de Bobbio não está fechada, não é um episódio da história da filosofia política. Ao contrário, por sua coerência, pela maneira como instiga a pensar temas permanentes para organizar a vida em sociedade, continua atual, continua a ensinar sobre o presente. Lidas hoje, as observações que faz sobre o pacifismo ainda constituem fundamento sólido para uma crítica das mazelas da ordem *internacional*. Também são atuais as análises conjunturais, como a sua polêmica defesa da intervenção internacional, liderada pelos EUA com o aval do Conselho de Segurança, na guerra do Golfo em 1991. Celso foi dos que apoiaram a consideração de que a intervenção se caracteriza como uma “guerra justa”. Ora, com o doloroso problema sírio em aberto e sem resposta, ainda que circunstâncias possam ser diferentes, o tema da legitimidade de intervenção e de suas consequências está na ordem do dia e reler o que diz Bobbio sempre valerá a pena.

Há muitos outros aspectos no livro de Celso que valeria sublinhar: a aproximação que faz entre Bobbio e Hannah Arendt em torno da questão do Holocausto; a maneira como se valeu de Bobbio para o parecer que deu como *amicus curiae* no julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal, do chamado caso Ellwanger, um editor que divulgava escritos nazistas e pregava o racismo; a resenha da análise que faz do livro de Bobbio sobre Hobbes, curta, mas de evidente lucidez; as explicações que oferece para o tema do futuro da democracia etc.

Celso lembra algumas autodefinições notáveis, quando menciona o sentido de tolerância e de horror ao fanatismo que marca a personalidade de Bobbio: “Da observação da irredutibilidade das crenças últimas extraí a maior lição de minha vida. Aprendi a respeitar as ideias alheias, a deter-me diante do segredo de cada consciência, a compreender antes de discutir, a discutir antes de condenar (...)” (p. 26). Finalmente, ponto que Celso também ressalta é a autoridade, quando diz: “O ponto de vista de Bobbio é, como sempre, intelectualmente relevante, tem o peso político de sua autoridade moral como reconhecido prócer da esquerda liberal italiana” (p. 77).²

Celso é o leitor ideal de Bobbio, um dos seus “grandes mestres e uma referência fundamental em sua trajetória”. São naturais as afinidades que têm e, assim, Celso fala de Bobbio com conhecimento consistente e denso. A cada artigo introduz e explica parcelas da obra de Bobbio, como se estivesse lendo “com” Bobbio. Ganha, com isto, o leitor. Se conhece Bobbio, terá, no livro de Celso, um instrumento notável para lembrar e organizar interpretação da obra; se não o leu, os artigos convidam inevitavelmente a querer saber mais da obra de quem foi dos maiores pensadores políticos contemporâneo. A trajetória que Celso traçou não poderia ser mais fiel e mais justa.

Setembro de 2013

Notas

1. Os textos são constituídos de prefácios, artigos e capítulos de livros, publicados entre 1980 e 2011.

2. Aliás, quem faz um resumo interessante do peso da autoridade de Bobbio é Perry Anderson em artigo “As afinidades de Bobbio”, publicado na *Novos Estudos* nº 24, julho de 1989: “(...) Bobbio incutiu no PCI a ideia do eurocomunismo e previu sua adoção 20 anos antes que se concretizasse. Desempenhou papel importante no abandono, pelo PSI, de seu passado marxista. Contribuiu para desencorajar o desafio da extrema esquerda no mesmo período. Antecipou a noção de repúdio à Terceira Via pelos dois maiores partidos do movimento trabalhista italiano. É difícil pensar em outro intelectual que tenha tido um efeito tão real e visível no clima político de seu país desde o final da guerra”.

** Gelson Fonseca Jr. é diplomata de carreira, foi representante permanente do Brasil junto às Nações Unidas em Nova York, embaixador no Chile e cônsul-geral em Madri; atualmente é cônsul-geral na cidade do Porto.